

Para concluir, o leitor critica-me por discutir a falha que ocorre Luiz Luna – e não só ele, mas toda a historiografia tradicional – ao citar as nações de onde se originavam os cravos. De certo modo generalizei o termo porto de embarque talvez fosse melhor dizer centros de comércio escravista – me referir a Mina, Benguela, etc. O leitor afirma o que eu tinha feito, mas com explicações enciclopédicas fala dessas nações. Minhas críticas são principalmente históricas, e se não fosse a exiguidade de espaço justificaria de tal modo minhas críticas.

É um erro atribuir aos entrepostos comerciais daquela época a origem geográfica e histórica dos escravos vindos para o Brasil. Se tivéssemos que designar as nações diríamos acerdamente que os portugueses traficavam os teke, os kongo, o hungo, os holo, etc. Ou seja, legiões de povos de língua bantuda. Todas as denominações expostas nos documentos e na precária historiografia de que dispomos se referem a zonas marítimas ou não – nas quais se dava o tráfico de homens entre africanos europeus.

- 14 -

Historiografia do Quilombo⁶⁰

Beatriz Nascimento: O que eu estava querendo me referir foi do alijamento que foi dado ao negro dentro do Brasil, ao negro e ao índio. Então, nós temos uma cultura muito forte, realmente, uma cultura negra muito forte e uma cultura negra que aglutinou...

A cultura negra, que conseguiu se amalgamar com a cultura índia, é realmente a cultura brasileira, uma cultura muito forte, sabe? E que ficou ao nível de uma subcultura, quer dizer, como uma coisa oficial, como uma cultura oficial, ela ficou ao nível de subcultura, porque uma outra cultura dominou ela nesse nível. Então, quer dizer, é o mais fraco dominando o mais

60. Este trabalho trata-se da transcrição da conferência *Historiografia do Quilombo* proferida pela historiadora Maria Beatriz Nascimento na Quinzena do Negro na USP, organizada pelo professor Eduardo de Oliveira e Oliveira, em 1977, na Universidade de São Paulo. A Quinzena do Negro na USP começou no dia 22 de maio e se estendeu até o dia 8 de junho, sob o patrocínio do Departamento de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Documento original datilografado localizado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Fundo Maria Beatriz Nascimento. Código: 2D. Caixa: 18. Pasta: 1. Documento: 4.

forte, no caso, quer dizer, a cultura, quem domina mesmo dentro do Brasil é a cultura negra e a cultura índia, e não a cultura branca; mas se insiste em impor como cultura, inclusive o próprio termo cultura, como sendo uma coisa nobre, sabe? E europeia, basicamente.

Público: Mas vem cá, não tem uma descaracterização? Por exemplo, o Black Rio, o Black São Paulo?

Público: O que é o quilombo para você?

Beatriz Nascimento: O quilombo é uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra que foi feita em relação aquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até agora, essa... sabe? A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita.

Público: E o quilombo perdura para você?

Beatriz Nascimento: Para mim perdura, eu acho que sim.

Público: Como é que ocorre essa aglutinação?

Beatriz Nascimento: É, no momento que o negro se agrega, e justamente quando ele veio para o Brasil e se desagregou, quer dizer, todo o motor do colonialismo fez a desagregação dele como homem, como cultura, como sociedade, no momento em que ele se aglutina ele sempre está repetindo, vamos dizer assim, a essência disso, a essência do que teria sido o quilombo, sabe? Porque os quilombos são vários, milhares no Brasil e em todas as partes do mundo, com características próprias. Então, a ordem oficial, a repressão, é que chamou isso de quilombo, que é um nome negro e que significa união. Então, no momento em que o negro se unifica, se agrega, ele está sempre formando um quilombo, está eternamente formando um quilombo, o nome em africano é união. Agora, o português diz que é cinco negros fugidos juntos ou vinte mil, quer dizer, você não pode entender, né? Cinco homens juntos ou vinte mil homens juntos. Cinco homens juntos podem ser cinco fugitivos

que não fazem nada, que podem até morrer e desaparecer, mas vinte mil homens não é uma coisa que a gente possa deixar... [...].

Beatriz Nascimento: Eu acho de extrema importância esse ciclo de palestras que Eduardo procurou fazer aqui em São Paulo, porque realmente a gente precisa fazer uma série de reformulações, de críticas, a respeito de todos os estudos que foram feitos, de alguns estudos que foram feitos a respeito do negro. No meu caso especial, eu me interessei basicamente por história, porque eu sou formada em história e que foi através da história que eu vim tomar conhecimento do meu papel como negro dentro de uma sociedade como a brasileira, que sempre procurou alijar a gente. Um dos problemas fundamentais que eu senti durante minha época de escola primária, de escola secundária e depois da Universidade, foi a total divisão cultural, divisão de interesses que eu era obrigada a ter, eu vivia, e acho que todos nós pretos, vivíamos dentro de uma sociedade dual, onde as situações mais importantes não eram, não eram não, não são, não correspondem à nossa realidade, quer dizer, nós nunca fazemos parte da História do Brasil, das coisas que acontecem no Brasil, das coisas mais importantes. Nós éramos sempre os contribuidores de uma cultura, contribuíamos sempre com... para a cozinha, para a dança, para o futebol, para etc. e tal. Então, mas isso não me impossibilitou de ver, através das entrelinhas da História do Brasil, toda uma participação maciça, independente muitas vezes, e forte do preto dentro do Brasil. Durante mesmo os quatro séculos da escravidão, nós vamos ver a atuação do negro brasileiro como homem participante de uma sociedade, embora negando às vezes, ele mesmo, a sua origem racial. E quando cheguei à Universidade, a coisa que mais me chocava era o eterno estudo, quando se referia ao negro, sobre o escravo, como se durante todo o tempo da História do Brasil nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para a fazenda, para a mineração. Em função da minha própria realidade, como uma negra do século XX, e convivendo com negros do século XX, a minha história ficava meio cortada, com um corte que eu não sabia onde poderia estar. Isso eu senti muito cedo, ainda na escola primária.

ria, e foi em cima dos textos escolares, didáticos, sobre o Quilombo de Palmares, onde eu mais senti essa divisão, de que apesar de nós participarmos da História do Brasil, nós não éramos computados dentro da História do Brasil. O meu choque basicamente foi simples, eu estou falando numa linguagem bem simples, foi o seguinte: lendo o Quilombo de Palmares, a gente vê toda a atuação dos negros e principalmente de Zumbi, e, de repente, embaixo na ilustração, eu via Domingos Jorge Velho, isso foi um dos grandes dramas da minha vida, sempre ver isso. Na Abolição da Escravatura, também, a gente via André Rebouças, José do Patrocínio e outros negros trabalhando, lutando, inclusive a partir da Abolição, não sendo ela somente jurídica, mas, também, uma Abolição que trouxe um novo período econômico para o negro, quer dizer, a possibilidade da reforma agrária, que era isso que André Rebouças queria, e, no entanto, era a princesa Isabel e Antônio Prado quem tinha feito a nossa libertação. Então, a partir desse drama, que é o drama de todo preto que tenta, que consegue participar do estudo, ter instrução dentro do Brasil; eu me interessei basicamente para essa situação da História do Brasil, vendo que ela, do jeito como nos trata, ela nos faz cada vez mais ser entendidos como vencidos. Eu quero dizer o seguinte: o preto, diante da História do Brasil, se sente o eterno escravo, o eternamente vencido, incapaz de reagir diante da situação que foi colocada aqui no Brasil. Mas isso é uma deformação total que a historiografia procura trazer e que já não corresponde mais à situação de classe baixa que o negro brasileiro geralmente está, de falta de instrução, de falta de condições econômicas, mas que está basicamente estruturado dentro de um arcabouço ideológico de grandes implicações. Através desse arcabouço ideológico, da constatação desse arcabouço ideológico, que eu resolvi estudar o quilombo e ver que dentro de toda a História do Brasil, dentro de todo o período colonial, o negro conseguiu viver dentro de comunidades que eram aquelas que o opressor tinha determinado para ele. Então, o quilombo para a gente, para o negro, tem uma importância fundamental, porque enquanto escravidão, o negro como escravo, ele historicamente termina de existir no final do século passado, 1888, se projeta todo um tipo de vida do negro que não

era aquela da fazenda, mas que já existia e que preexistia à Abolição. Então, a minha questão foi a seguinte: o quilombo vem, nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, e de repente o corte histórico deixa o quilombo como não existindo e entendendo o quilombo como um núcleo de negros a gente se pergunta como é que uma história tão forte dentro de quatro séculos, ela pode ter, de repente, desaparecido do mapa. E eu cheguei à conclusão de que isso era um erro muito grande, quando comecei a fazer pesquisa no Arquivo Nacional, com José Honório Rodrigues, eu comecei a ver, nos cortes da política e na correspondência da polícia com o Ministro da Justiça, milhares e milhares de quilombos que estavam localizados em áreas geográficas que até hoje no Rio de Janeiro são áreas de favelas ou ex-favelas. Então, a minha questão foi a seguinte: será que o quilombo, como está sendo entendido pela historiografia, ou seja, como um movimento político de rebelião e insurreição, ele não tinha também uma outra face que foi transportada, que teve uma continuidade acabando a Abolição? E eu tenho quase certeza de que isso realmente é o que acontece com o quilombo. O quilombo não é, como a historiografia tem tentando traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência, quer dizer, a independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si. Então, fundamentalmente, o quilombo é uma organização social de negros, que foi só os negros que empreenderam essa organização social e que foi paralela durante todo o período da escravização. E mais importante ainda, sendo essa uma organização social, ela se projetou no século XX como uma forma de vida do negro e perdura até hoje. Então, basicamente, meu estudo do quilombo se prende a essa perspectiva de organização social do quilombo, uma organização social que tinha uma economia própria, que tinha relações próprias e que fundamentalmente era não só uma necessidade de resistência cultural, mas também de resistência racial do negro. A historiografia, principalmente a historiografia mais moderna sobre o quilombo, ela questiona muito o fato do quilombo ser uma

tentativa do negro de sair da escravidão de uma forma negativa. Edison Carneiro mesmo fala que houve três momentos na luta do negro pela sua libertação, que foi a luta pela tomada do poder, que é o caso dos malês, a luta de Manoel Balaio e a luta do quilombo, como sendo negativa. Eu discordo, fundamentalmente, disso na medida em que o quilombo foi compreendido somente como uma luta, mas como um estabelecimento de homens que querem manter a sua autonomia e a importância do quilombo hoje para consciência do negro está, justamente, nessa busca de autonomia, autonomia cultural, autonomia de vida e não somente a autonomia da escravidão dos séculos passados. É uma autonomia como homens que pretendem manter a sua estrutura cultural e a sua estrutura racial. Se o quilombo, como a historiografia trata, foi um movimento político que não logrou êxito político totalmente, ele não pode ser entendido só dessa maneira porque o logro da tomada do poder do quilombo, no meu entender, porque o quilombo não se preocupava especificamente com a tomada do poder, mas sim com a organização em si e a manutenção da sua estrutura original. Outra coisa que a historiografia trata muito mal do quilombo é quando associa essa organização social à... agora eu me perdi um pouco, deixa um tomar um pouco de água – ele associa essa organização social pura e simplesmente à guerra, à insurreição e eu acho que já falei isso, isso deixa para nossa concepção, para nossa consciência atual, uma posição de nós negros como se fossemos os eternos vencidos dentro da sociedade brasileira. Realmente, nós fomos vencidos por toda uma estrutura de dominação que se perdura até hoje, mas trazendo à luz atualmente o quilombo como organização autônoma, onde ela se mantinha independente da guerra, independente da luta, quer dizer, a gente só conhece o quilombo através da documentação oficial, justamente a documentação da repressão, quer dizer, só o registro da história branca é que nos diz o que é o quilombo; então, trazendo a perspectiva do quilombo vencido, nós ficamos sendo os fugidos vencidos ou os escravos vencidos e isso em termos de psicologia social para o grupo do negro atual é muito pernicioso. Então, fundamentalmente o que eu quero procurar no meu trabalho é trazer à luz essa capacidade do negro de empreender

uma organização social, de empreender uma vida própria deles, com cultura própria, com relações próprias, e mostrar que hoje em dia talvez eles ainda tenham esse tipo de organização própria, de relações próprias, e um dos grandes trabalhos que ele tem que fazer seja realmente de se conscientizar dessa sua posição diante do mundo e tentar botar para fora essa organização que ainda persiste ao nível das relações entre si e dos grupos negros. Então, o quilombo, eu quero ressaltar aqui mais uma vez, é hoje em dia muito mais um instrumento ideológico para a luta do negro do que um instrumento, como foi no passado, de rebelião. É um instrumento de autoafirmação, um instrumento de compreensão de que você, de que o homem negro, é um homem capaz como qualquer homem, que ele formou quilombos não somente por causa dos castigos corporais. Ele fugiu, ele matou, ele matou senhores, ele se suicidou, as mulheres abortavam, houve várias formas de luta, mas a organização quilombo, que tem uma raiz africana no sentido que significa, no sentido que significa união, união daqueles que são iguais, então, o quilombo ainda existe hoje e é ele quem vai nos dar toda a possibilidade de repensarmos o nosso papel dentro da História do Brasil, como homens capazes de ser livres e que realmente lutaram pela sua liberdade de todos os meios possíveis através das rebeliões, através da alforria e através da luta política, no final do século passado, pela Abolição. O quilombo; hoje, no Rio de Janeiro, a gente faz um trabalho com a Escola de Samba Quilombo, um trabalho justamente tentando conscientizar, mentalizar os grupos negros do Rio de que qualquer agrupamento que a gente faça, qualquer relação que a gente tenha entre si, cada vez a gente está repetindo a forma de resistência cultural e racial e a possibilidade de criarmos, realmente, uma sociedade paralela, mas atuante também dentro dessa sociedade global que tanto no oprimiu. Então, nesse momento, todo trabalho que toda a... vamos dizer assim, a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida, porque merecem essas melhores

condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade. O quilombo, como foi chamado, anteriormente, como foi colocado, anteriormente, na historiografia e na documentação, ele traz a sua compreensão africana de união e de comunidade e também traz como o Conselho Ultramarino colocou de cinco negros reunidos. Então, hoje em dia, a gente lá no Rio, a gente discute, fala muito isso, cinco negros, o Conselho Ultramarino diz que cinco negros reunidos é um quilombo, cinco negros fugidos, mas o Quilombo de Palmares teve vinte mil homens negros, então cinco homens fugidos e 20 mil homens fugidos não podem ter a mesma... não podem ser colocados na mesma categoria. Nesse sentido, a gente entende que quilombo é uma coisa tão negra, tão própria nossa, tão compreensível para nós, que o homem branco, o dominador, não conseguiu entender... [...] ...Que nos tirou a capacidade de nós sermos homens aptos e livres, nós tínhamos, talvez muito mais forte, uma outra realidade atuante, uma realidade viva, de vida realmente no sentido cultural e histórico que foi o quilombo durante todo o período da História do Brasil e que ainda hoje perdura na História do Brasil. Era somente isso que eu tinha que falar.

Público: Sobre a organização social.

Beatriz Nascimento: Não, a organização social do quilombo é uma coisa que só com o desenrolar da pesquisa a gente vai poder estabelecer, porque uma coisa que a historiografia pe- cou basicamente foi justamente o fato, como eu disse anteriormente, dela colocar como quilombo cinco homens ou vinte mil homens, quer dizer, colocar quilombo como tudo o que foi aglutinamento de negro, tudo o que foi organização de negro, quer dizer, tudo o que foi separado do processo de escravismo. Então, nesse sentido, a gente não pode pensar em Palmares, por exemplo, da mesma maneira que a gente pode pensar num outro quilombo, vamos dizer, no Piauí ou outro quilombo em Minas Gerais. A gente não pode pensar em Palmares que é o mais conhecido, isso aí é uma das grandes dificuldades, estabelecer, que tipo de organização social, quer dizer, que tipo de estrutura social, em termos assim de categoria mesmo, o quilombo pode ter sido, porque, por exemplo, nós temos várias documentações sobre quilombos que têm características específicas de grupo

religioso, de terreiros de candomblé, por exemplo. Nós temos outros quilombos, por exemplo, que nunca foram assim, não tiveram o sentido de repressão, sentiram realmente a repressão, outros que se mantiveram por largo tempo como é o quilombo de Guandú e do Catumbí, e quilombos que simplesmente desapareceram no próprio processo deles. Então, a grande dificuldade mesmo é estabelecer num período de *longa duração* na história e várias regiões do Brasil o mesmo tipo de... estabelecer uma estrutura só para todos esses quilombos que existiram em várias épocas no Brasil.

Público: A história do quilombo.

Beatriz Nascimento: Bom, a história do quilombo é a seguinte: a partir de 1559 começa a haver as primeiras notícias de quilombos no Brasil. O primeiro grande quilombo a ser formar foi o Quilombo de Palmares e depois da derrota do Quilombo de Palmares, no final do século XVI, em 1665, começa a proliferar no Nordeste vários quilombos que parecem ser a continuidade do Quilombo de Palmares, ele vai para o norte, quer dizer, imigra para o norte ou para o sul na medida da repressão. Então, se forma, continuamente, quilombos em todo o século XVIII que parecem ser, até a Bahia praticamente, continuidade da organização quilombola de Palmares. Do mesmo jeito, em Minas Gerais há esse processo. No quilombo de Minas Gerais, do século XVIII, há esse processo de continuidade, quer dizer, eles reprimem um núcleo aqui, mas surge outro núcleo e isso vai continuando. Por isso a importância do quilombo como história do negro, como estudo, uma pesquisa séria da história do negro, é... porque ele tem essa vida contínua dentro da História do Brasil. Por exemplo, no Rio de Janeiro nós temos o quilombo da Gambôa, que é o primeiro que se forma e depois ele vai sempre migrando, é uma trajetória sempre para a zona sul, para Catumbí, para Santa Tereza, e vai seguindo até chegar no Lebron, cada vez mais se internando para a periferia de onde era a cidade do Rio de Janeiro, que tinha sede em São Cristóvão. Então, nós temos quilombos assim, como o de Palmares, de Guandú, como o quilombo do Piolho, que são quilombos muito grandes, com uma estrutura econômica rural muito forte, plantações, comércio com vizinhança, relações mesmo diretas com fa-

zendeiros, não só com a vizinhança, mas com fazendeiros, e isso mostra justamente que o quilombo forma uma comunidade ou uma civilização, vamos dizer assim, dentro da História do Brasil, paralela à história que se desenrola dentro do processo da escravidão. Por isso é que a minha preocupação é que ele não pode se terminar com a Abolição, não pode terminar simplesmente pelo fato de que a Abolição libertou a mão de obra escrava, porque ele sempre foi independente do processo da escravidão, não o quilombo especificamente de Palmares, ou especificamente como o de Guandú, mas o quilombo como movimento geral de *longa duração* em todo o Brasil.

Público: Você colocou no início que no Rio de Janeiro, especificamente, onde existiram quilombos hoje existem favelas, há alguma conotação entre o quilombo e a favela? Há uma passagem direta desse quilombo para uma favela?

Beatriz Nascimento: No nível geográfico há, por exemplo, eu tive que fazer uma pesquisa no morro do Catumbí e encontrei uma família que tinha cem anos, eles tinham primos afins, que tinham cem pessoas, a grande maioria adulta já, em média a idade de trinta e cinco e cinquenta anos e que todos, avô, pai, bisavô, já moravam ali, percebe? Quer dizer, apesar de ter havido grande repressão nesse quilombo, quer dizer, a gente recorda que até o final do século passado ainda existiam remanescentes talvez desses quilombos no lugar.

Público: Durante toda a história colonial brasileira, o negro [...] a gente sabe que até o século passado a população negra, a população do Brasil era, basicamente, negra. Hoje acho que continua ainda sendo grande parte de negros e mestiços, correto? Quando você coloca que o negro se organizava marginalmente no quilombo, você coloca hoje como proposta que o negro deve se organizar marginalmente, novamente, dentro dessa sociedade brasileira, acho que você está dizendo que o negro não faz parte do povo brasileiro.

Beatriz Nascimento: Eu não disse isso, não, de jeito nenhum. O que eu quis dizer foi o seguinte: porque há uma tendência dentro da sociedade brasileira a esquecer que não existem grupos específicos dentro da sociedade. Então, nesse sentido, pelo fato do negro hoje em dia dentro do Brasil ter os mes-

mos direitos jurídicos que as populações ditas brancas do Brasil, significa que ele é um brasileiro no sentido da cultura dominante. Mas é isso que eu estou dizendo, isso não é, então, o sentido de quilombo que eu dou é justamente isso, é justamente de que nós fazemos parte de um grupo cultural, de um grupo histórico diferentemente da história dos brancos, que realmente tem uma história recente, vamos dizer no Brasil, a grande quantidade de brancos que hoje existe no Brasil, como você lembrou, a grande quantidade de população no século passado era de negros e mestiços, então, logicamente se existe uma população de brancos no Brasil e isso que realmente foi a partir da imigração, no final do século passado, então, nós temos uma história basicamente negra e uma cultura basicamente negra. E é justamente essa história que não é escrita, que não foi escrita, e que é a história não conhecida, entende? Agora, que desta maneira, nós pretos nos sentimos fora do Brasil, nós nos sentimos como um exilado dentro do Brasil, você está entendendo? Não pelo nosso querer, porque a gente se identifica realmente com a cultura que está aqui dentro, que fomos nós e os grupos oprimidos, menos os brancos, que já estavam aqui há longo tempo, que desenvolveram, mas essa cultura basicamente negra e índia, e nós não somos realmente computados, considerados brasileiros no sentido realmente cultural. Você sabe perfeitamente que esse sentido de cultura no Brasil é a nobreza e quando hoje uma certa intelectualidade fala em termos de cultura, eles especificam cultura negra ou a cultura lá de baixo, quer dizer, vão lá embaixo e iscam a tal cultura, quando a gente sabe realmente que isso não é real, a cultura negra foi a de maior peso e que se amalgamou com a cultura indígena sem conflito, e o único conflito que existem nessas duas culturas é justamente o conflito que existe com a cultura dominante, entendeu? Que se vê ao mesmo tempo num impasse de recorrer a essa mesma cultura para poder se reconhecer.

Público: A ideologia racial da classe dominante quase sempre se refere ao branco pobre, ao negro, ele se refere basicamente como negro. A gente sabe que nesse segmento existe diferença, correto? Existe o preconceito do branco pobre sobre o negro, correto?

Beatriz Nascimento: Há, sim, isso existe.

Público: O branco se sente exilado dentro do Brasil? Pobre também.

Beatriz Nascimento: Um dos grandes problemas de conferência é quando são levantadas essas questões do econômico, da questão econômica. Existe um problema de classe.

Público: É um problema de classe.

Beatriz Nascimento: É um problema de classe não, existe um problema de classe que atinge todos os seguimentos da população brasileira. Agora, nós negros sofremos um tipo de discriminação que não é parecida com nenhuma outra discriminação que outros grupos, como o branco pobre, sofre. Então, justamente quando eu me apoio na historiografia, na tentativa de uma crítica da historiografia, do que se estabeleceu ser História do Brasil, é justamente por isso, porque para nós não significa, a questão econômica não é o grande drama, apesar de ser um grande drama, não é o grande drama, o grande drama justamente é o reconhecimento da pessoa, do homem negro que nunca foi reconhecido no Brasil. Por exemplo, é um negócio muito sério e eu vou dizer porquê, porque na própria historiografia, Nina Rodrigues tem uma frase que eu acho assim genial para poder responder sua objeção, ele diz o seguinte, falando sobre o Quilombo de Palmares, explica... inclusive se coloca assim, vamos dizer, numa posição afetiva em relação ao Quilombo de Palmares, mas numa certa altura ele diz: "*O Quilombo de Palmares, se fosse vitorioso no Brasil, seria um quisto dentro do Brasil, assim como o Haiti é um quisto dentro das Américas*". Você percebe? Quer dizer, esse não reconhecimento de nós como fazendo parte integrante, capazes de ser, de existir dentro da nação, é esse o grande drama do negro brasileiro.

Público: Agora uma coisa muito séria, você acha que a sua proposta de novos quilombos, esses quistos vão desaparecer?

Beatriz Nascimento: Não, eu não tenho proposta de novos quilombos de jeito nenhum. Para nós pretos, nós já temos uma coisa fundamental que é o passado da gente. A gente... é um problema sério também do brasileiro a amnésia, o ancestral que a gente tem, quer dizer, no fundo não se escreveu a nossa

história. Como nós não tivemos como escrever essa história, como a fórmula... a nossa cultura era basicamente oral e depois pelo analfabetismo porque a gente não entrou nas escolas, preto não vai para as escolas, então com isso a gente não tem uma visão, vamos dizer assim, uma visão exata do que tenha sido a nossa história dentro do Brasil. Então, o quilombo no momento é importante justamente como eu disse para uma tentativa de autonomia do negro, de se entender como pessoa, porque é uma coisa sabida pela gente de que o negro não é reconhecido como pessoa, é conhecido como uma coisa estética, como o contribuidor cultural, como o escravo, como o pobrezinho, mas não como homem atuante dentro dessa sociedade brasileira. Não é minha proposta de fazer mais quilombos, eu não, nós fazemos quilombos, os negros tentam sempre se organizar, se unir, se reunir como foi o quilombo que era união, que era organização, que era agrupamento, entende? O que eu ia dizer aqui basicamente é justamente isso: a lembrança, lembrar para mim mesma, lembrar para os negros de que eles têm um passado de homens capazes de empreender um tipo de estrutura que foi muito forte, que assustou sempre, que assustou tanto que passou para a amnésia nacional, quer dizer, no momento em que a documentação não trata mais do quilombo e que faz de conta que essa história acabou com o papel jurídico que foi dado ao negro a partir de 1888, nós ficamos sem acesso, nenhum acesso ao nosso passado.

Público: E o problema ideológico que você falou em relação aos quilombos?

Beatriz Nascimento: Como foi?

Plateia: Você realmente colocou que o quilombo hoje é necessário para que se pudesse se criar qualquer tipo de organização ideológica.

Beatriz Nascimento: Mas esse quilombo hoje não pode ser entendido historicamente como esse quilombo de ontem. O quilombo de hoje significa muito mais uma consciência, uma ideologia realmente, uma consciência de que você é um homem, que você é capaz de empreender coisas capazes de serem aceitas, viver e ser aceito dentro de uma sociedade, é isso que é fundamental.

Público: Uma forma de fortalecimento do negro.

Beatriz Nascimento: Fortalecimento psíquico, porque um dos grandes problemas do negro é justamente isso, o inconsciente, quer dizer, o que você não pode trazer do inconsciente para tua mente, para fora, estabelecer uma comunicação entre os seus iguais, trazer essa comunicação para fora da sociedade brasileira, para sociedade maior, para sociedade que domina, entendeu? A falta de uma linguagem que a gente possa botar para fora e ao mesmo tempo que procurar ter os ganhos sociais dentro dessa sociedade, aí vem o problema econômico, ao mesmo tempo em busca dos bens sociais de uma maneira ou de outra, mas antes desses bens sociais, a gente lutar por esses bens sociais, é preciso que haja uma luta dentro da gente mesmo para conciliação, para afirmação de todo esse processo nosso de se entender realmente como pessoas, como homens. E isso o quilombo pode ser um dado disso, na medida que ele foi uma coisa muito forte, um agrupamento muito forte, uma história muito forte que o negro criou independente, sozinho, independente do homem branco.

Público: Como é que desaparece o quilombo enquanto estrutura econômica e política? Você fala que o marco da escravidão simplesmente não pode ser isso.

Beatriz Nascimento: Não pode. O estudo do quilombo, quer dizer, basicamente o que a gente tem, eu não vou criar agora aqui, tudo o que a gente tem, em torno do quilombo em termos de história e documentação se refere, basicamente, como eu disse no início, à dinâmica da repressão, somente. Então, a gente só tem escrito aquilo e alguns documentos, principalmente em relação a Palmares e a outros quilombos, eles dizem: *"Ah! Eles tinham muitas roças, tinham muitos produtos, tinham isso, tinham relações com vizinhos, tinham acoitamento de fazendeiro, se relacionava com fazendeiros"*, então, toda aquela rede de tentar acabar com as relações entre os fazendeiros e os quilombos, esse negócio todo, está entendendo? Então, o que eu quero dizer é o seguinte: quando você atacando de história e o documento deixa de existir, você vai ter que fazer uma reflexão e tentar procurar por outros... e é isso inclusive que eu faço, por outros métodos, por exemplo, da antropologia, para

entender como é que essa história continua, como é que esses homens se portaram a partir desse corte histórico que não foram esses homens que fizeram, mas sim todo um processo jurídico do país, nem econômico, jurídico somente.

Público: Minha pergunta é basicamente específica, inclusive bastante regional. Eu queria ter uma ideia mais ou menos das estruturas sociais dos negros e índios que se uniram em determinados quilombos, mais ou menos famosos; se realmente essa marca de cafuzos ainda se veem em algumas regiões do Brasil.

Beatriz Nascimento: Se ainda se vê?

Público: Eu queria ver mais ou menos a relação dos cafuzos, se eles tiveram muitos conflitos ou não.

Beatriz Nascimento: Aparentemente, a relação entre negro e índio não foi conflitante, a não ser, isso foi uma amiga minha que estuda, que é do Museu Nacional, que levantou esse problema, a não ser dentro de uma relação entre o índio e o escravo, por uma questão da cultura índia de não aceitar o vencido, de não aceitar o escravo, mas não a relação de conflito racial, de um grupo tentar dominar o outro porque é diferente. Isso, inclusive, só existe mesmo dentro da relação aqui no Ocidente, entre brancos e outros povos de cor diferente. Inclusive eu entendo que a dominação do homem através de sua diferença física é uma coisa justamente que começa a partir do século XV, um negócio empreendido realmente pela civilização ibérica, que faz essa distinção ao nível da dominação realmente, domina um homem porque ele é diferente, porque não há basicamente conflito entre índios e negros, tanto não há que o quilombo é sempre inaugurado por negros e você encontra o índio lá dentro, com inclusive posições de mando, de chefe e esse negócio todo.

Público: Agora tinha uma outra relação, uma relação em termos políticos da maior força, vamos dizer, pelo menos num dado momento, esses ciclos de revolta na Bahia, inclusive os malês, hauçás, etc., e os quilombos.

Beatriz Nascimento: Qual a relação?

Público: É a relação de força que mais chacoalhou as estruturas.

Beatriz Nascimento: Você quer saber se o quilombo nasceu mais com a estrutura do que os malês? Olha, no meu entender, em termos conjunturais, o levante dos malês foi realmente algo que mexeu muito, porque ela foi ao nível de luta política no sentido mesmo político de mudança de poder, esse negócio todo. Agora, no sentido que eu tento passar para os negros, para os negros com quem eu convivo, com quem eu trabalho, com quem eu estudo e a quem eu levo alguma informação, é que o quilombo é mais forte porque ele abrange negros de todos os grupos de negros que entraram no Brasil e ele tem essa característica de existir em toda a História do Brasil, quer dizer, todo o tempo e todo o espaço do Brasil. Então, nesse sentido, é muito mais chacoalhador das estruturas, principalmente quando eu levantei essa questão de que o quilombo sistematicamente destruído e se coloca cinco negros reunidos é perigo tanto quanto vinte mil, você está entendendo? Eu que vejo Nina Rodrigues me dá a luz, na medida quando ele diz: “*Será um quisto dentro do Brasil, assim como o Haiti é um quisto dentro das Américas*”. É justamente essa impossibilidade, essa não aceitação do homem branco que está dominando o Brasil de aceitar o negro como sendo um outro homem realmente, um outro homem capaz de ter a sua vida livre, e isso é que perdura. A ligação que eu faço em relação ao quilombo é da situação ideológica que determinou a dominação do branco sobre o negro. Nós temos uma dominação econômica inegável, nós temos uma dominação econômica, houve um motivo econômico inegável, mas todo o apanágio ideológico que justifica essa dominação, que procura a explicação dessa dominação e perdurar essa dominação, que está no nível “*você é diferente de mim, você é preto, então, você é inferior, então eu lhe domino*”. O quisto não pode existir nunca, quer dizer, o próprio Quilombo de Palmares em termos nacionais, em termos da defesa na nação como qualquer intelectual, principalmente um estudioso como Nina Rodrigues, se colocaria na posição de realmente estar preocupado com a unificação da nação, ele pode ter esse medo, mas por que ele faz essa comparação do quisto dentro do Brasil? O quisto seria exatamente um quisto como o Haiti dentro das Américas, Haiti não é um quisto dentro das Américas, o Haiti é uma nação de negros.

Então, a minha compreensão é nesse sentido, é proibido o quisto, é proibido ver o negro no Brasil, sabe? É pernicioso... eu estou fazendo uma simplificação, mas se pode entender todo o processo ideológico da negação do homem negro, da ideologia do embranquecimento, de até hoje Gilberto Freyre dizer: “*Nós estamos ficando cada vez mais moreninho*”, essas coisas todas... A gente sabe, então, como era a organização econômica da colônia.

Público: Isso era um problema também religioso, questão de práticas religiosas que vêm dos mouros, uma coisa muito grande, não é só um problema de cor, isso é também um problema religioso mais profundo, não é só de cor. Eu tenho impressão que a proposta que você faz, historicamente o quilombo é um levantamento muito importante, mas eu não sei, eu me pergunto se trazer esse questionamento para agora não seria diminuir um processo histórico de acumulação que é um processo natural de comunicação entre os povos e o processo da luta de classe que vivemos.

Público: Beatriz, por favor, só algumas palavras. É um tema que falam há algum tempo aqui na sala e acho que eu gostaria de fazer uma pequena colocação. Eu acho que o problema do *continuum* histórico da negritude é o que deixa todo mundo um pouco inquieto. Falar de um *continuum* histórico, de uma história negra e reatualizá-la em bases de uma igualdade, um reconhecimento igualitário de uma heterogeneidade cultural em bases igualitárias, falando de aculturação em bases de sobrepor uma cultura dominante sobre outra, não é o mesmo que a gente está tratando entender através de levantar o quilombo com um quisto, como um reservatório do passado, senão apenas como um *continuum* cultural e um *continuum* de aglutinação dentro de um país que é fundamentalmente hétero-cultural e que não quer reconhecer-se como tal em bases igualitárias. Eu acho que o problema central está nesse problema.

Público: Eu só queria trazer uma coisa para informar melhor, já que nós todos estamos nos entendendo, em cima do que o professor Miroel pergunta, ele diz que quando a professora fala... está havendo toda uma reformulação desses conceitos, eu me lembro de que alguns estudiosos americanos diziam:

“Não se pode chamar de aculturação o que foi imposto pela força”.

Beatriz Nascimento: É, e depois tem uma coisa: eu não me preocupo com a disseminação e a difusão da cultura. A cultura realmente, quer dizer, é a forma dos homens... é a vida dos homens, quer dizer, isso é passado independente de qualquer força além da força de comunicação que existe entre grupos, entre homens. Então, quando se fala em aculturação, aculturação no sentido tradicional que eu tenho a impressão que você está colocando, é... o que a gente está entendendo agora é a sobreposição de uma cultura sobre outra, inclusive da apropriação que está acontecendo agora dessa cultura de...

Público: Então, Beatriz, como que o superior sobre o inferior, o mais forte, aqui nós temos italianos, portugueses, que se aculturaram, que estão se aculturando com os brasileiros, isso é superior contra inferior?

Beatriz Nascimento: Não, não é isso. Quando a gente fala em aculturação no sentido em que está nos estudos e na ideologia da classe dominante sempre, quando se diz assim: *“O negro é integrado à sociedade brasileira, o negro foi assimilado pela sociedade brasileira”*, isso inclusive é o carro adiante dos bois, porque o negro, eu tinha colocado isso um pouco antes, o negro e o índio, que ele tinha me perguntado, nunca tiveram conflito. Se a gente tiver que falar que no Brasil em termos de aculturação, nesse sentido, de que no Brasil não houve conflito racial é porque basicamente a grande maioria da população brasileira é negra, índia e mestiça. Então, dentro desse segmento da população, realmente, esses grupos, eles empreenderam... eu posso dizer, talvez o Eduardo não goste muito, eu tenho que dizer que esses grupos realmente empreenderam a chamada democracia racial. Agora, ideologicamente o branco dominante apropriou-se dessa relação que realmente existiu pra dizer, inclusive, que foi ele que empreendeu essa democracia, que foi ele que empreendeu a aculturação, que foi ele que empreendeu a igualização dos grupos que vivem na sociedade brasileira, quando não foi, quando não é. Realmente, no Brasil e no Novo Mundo aconteceu, no Brasil e Antilhas, principalmente, aconteceu uma sobreposição de uma cultura na outra e a negação des-

sa cultura dos povos que perderam. Nega-se a cultura negra até hoje. Quando se fala em cultura negra não se coloca, quer dizer, quando se fala em negro aculturado é porque a gente dança samba, joga futebol, toda a população brasileira gosta disso. Mas uma coisa a gente sabe, pessoalmente, de nós não se gosta, de dizer que nós somos negros, de dizer que o Brasil é um país de negros não se gosta, não se aceita.

Público: É um pouco como índio civilizado.

Beatriz Nascimento: Exatamente.

Público: Beatriz, uma outra dúvida são os choques de cultura entre as diferentes tribos de negros que vieram para o Brasil, de cultura e principalmente religiosas. Agora parece que era uma tática de português colocar negros de tribos diferentes na mesma região porque eles brigavam entre si e esqueciam do problema maior que era a estrutura e o branco, e pela nossa visão, assim muito rude e sem nenhuma experiência, essa coisa perdura até hoje.

Beatriz Nascimento: Você diz conflito negro contra o negro? É possível, quer dizer grupos... quer dizer, somos homens, são pessoas diferentes, primeiro são indivíduos diferentes, depois são grupos realmente diferentes, agora o que aconteceu... essa história do português misturar tudo, isso está provado pela bibliografia, pela documentação, não sei, mas isso não foi um fator tão forte dentro do processo de nacionalização, de vida do negro aqui dentro do Novo Mundo, porque justamente através do quilombo e através das religiões chamadas afro-brasileiras, principalmente do candomblé, esses conflitos embora existam ao nível mais orgânico há possibilidade de uma aglutinação desses grupos, sempre houve, o quilombo sempre existiu também em função da possibilidade de aglutinação de vários grupos de etnias diferentes e é um outro trabalho histórico a ser feito, a atuação do candomblé, por exemplo, a atuação da mucamba, a atuação do próprio quilombo, a atuação das irmandades de cor, você está entendendo? Porque elas justamente, quer dizer, porque apesar de o português poder ter feito essas diferenças tribais, mas isso não foi fator de grande peso pra fazer com que os negros não conseguissem ao todo levar em frente a sua autonomia, a sua luta, a sua tentativa de se estabelecer dentro da so-

cidade brasileira, isso não foi empecilho tão grande, está entendendo?

Público: O próprio sofrimento foi um ponto de união acima de qualquer coisa?

Beatriz Nascimento: Além disso, essa união, ela deve existir entre grupos que tem estruturas, que têm visão de mundo, de representação de mundo idênticas, que é o caso dos grupos africanos. Eles têm mais ou menos uma estrutura idêntica, então, não há o conflito, quer dizer, não é tão grande assim, o conflito mesmo existe ao nível das duas raças, existe ao nível da raça negra e da raça branca opressora e não entre os oprimidos negros, quer dizer, existe um conflito em nível individual, de... o que você ia falar?

Público: O negro continua na favela, certo? E que agora na favela é que nós vamos encontrar entrosamento para nossa integração, nossa solidariedade ou para que?

Beatriz Nascimento: Eu não disse isso. Eu não disse nós vamos pra favela, eu não estou mandando ninguém ir pra favela, nem estou querendo criar quistos.

Não, é basicamente uma coisa: é que nós temos uma história e uma forma de vida, que nós somos um grupo dentro de uma sociedade brasileira, dentro da sociedade total brasileira. Então, na medida em que eu chamo a atenção do quilombo, favela, é mostrar que você tem um passado histórico que ainda hoje existe e que você pode perfeitamente compreender sua vida atual através da sua história passada, entendeu? Quer dizer, o fato de que existem ainda núcleos que, pelo menos, geograficamente ainda é uma continuidade de um passado histórico, lhe faz ser um homem mais forte, em termos de que nosso passado é uma coisa que não existiu, nosso passado é uma coisa que está somente no processo da escravidão, então, acabou a escravidão, então, está tudo bem no Brasil, está entendendo? Então, vendo a situação do negro atual dentro da favela, vendo que o negro teve sempre necessidade de partir para a periferia, de nunca se integrar, de não se aculturar, no sentido de que nós estamos vivendo realmente numa sociedade de iguais, justamente o fato da favela hoje ser essa pobreza e miséria humana, ao nível econômico, ao nível moral, ao nível de vida, entendeu? Mostra jus-

tamente essa situação da gente, quer dizer, é um dado concreto que você tem da sua história, quer dizer, por que se reprimiu no passado o quilombo do jeito que foi reprimido? Por que ele seria um quisto dentro do Brasil, porque a favela hoje é um quisto dentro do Brasil, entendeu? Como hoje não pode ser aceito o negro dentro da sociedade brasileira, não sei se eu fui clara.

Público: O que você tem a dizer da fuga da senzala para o quilombo e atualmente a fuga da escola de samba para o movimento *soul* e a repressão exercida pela organização social do país contra o quilombo e a repressão exercida pela intelectualidade atual com o *soul*? Há possibilidade de estabelecer uma relação?

Beatriz Nascimento: Olha, pra mim, no sentido que eu dou para o quilombo, aglutinação, união e organização, eu acho que esse pessoal que está se movimentando em volta da música negra americana, num sentido é muito positivo em termos de convívio, de identidade, de conhecer o outro, de saber o outro, de papear com o outro, de dançar com o outro. Eu sinto que esse pessoal jovem agora se organiza nesse movimento *soul*, eles vão ter menos problemas que eu tive, por exemplo, eu que sempre vivi alijada da comunidade branca e convivendo com ela e alijada da comunidade negra e vivendo com ela, quer dizer, é possível inclusive laços mais fortes entre essas pessoas, de casamento, menino vai namorar menina preta, não vai ter necessidade de arranjar a moça branca para casar, você está entendendo? Esse processo aí pode ser um processo na medida em que o *soul* é uma coisa moderna, atual, que está na televisão, no cinema, no jornal, que é de americanos, quer dizer, que tem inclusive essa possibilidade de afirmação ao nível do que eu sou bonito, eu sou forte, de que eu tenho um corpo bom, isso é um nível psíquico, eu acho muito importante. Agora, em termo de... você tinha me perguntando na segunda parte em termos de repressão?

Público: Acontece o seguinte, o que eu estou vendo...

Beatriz Nascimento: Ah! Você falou em como é que a intelectualidade está vendo. Não, isso... eu vou ser um pouco chata aqui, mas eu vou dizer: como o quilombo era um quisto e amedrontou sempre a sociedade brasileira, isso está amedron-

tando também. Ver todo mundo junto é muito perigoso, o processo do português não foi só separar a gente em tribos, não foi só separar a gente, quer dizer, nos aproximar cada vez mais do branco quando você tem uma consciência, quando você conseguiu ascender de classe, então, é uma dinâmica social muito forte que faz com que você perca o contato com o seu grupo original. Então, um dos grandes dramas do intelectual, do negro que ascende na mobilidade social, é justamente a perda da ligação com seu grupo. Eu tenho a impressão que dentro desse grupo *soul* isso pode acontecer, mas em doses muito menores, quer dizer, vai poder inclusive se estabelecer um grupo onde existia inclusive diferenças econômicas, diferenças ideológicas, existem várias diferenças. Eu conheço muita gente de *soul* no Rio, que o pessoal sempre me pergunta no Rio, quando vou fazer entrevista, que o pessoal sempre me pergunta, se eles não são alienados. Então, eu digo não, eles não são alienados, eles estão vendo o outro, na medida em que eles estão junto com os outros, não são alienados. Porque o grande drama da gente, a grande tragédia, é justamente a perda da compreensão do nosso passado, a perda do contato com o outro, isso é fundamental.

Público: O branco não é o outro?

Beatriz Nascimento: É, mas a gente nunca disse que não era.

Público: Beatriz, eu estou preocupado com o aqui agora, eu quero saber como eu branco vou me entender com vocês, porque eu gosto de vocês.

Beatriz Nascimento: Eu também tenho que dizer que eu também gosto muito dos brancos. É o seguinte: essa questão, essa sua intervenção é muito boa justamente para mostrar a inquietação que o homem branco tem, eu tomo você como protótipo, a inquietação que ele tem na medida que ele tem quando a gente começa a falar da gente.

Público: Espera um pouco, quando você fala em protótipo.

Beatriz Nascimento: Não, protótipo quando você coloca “eu tenho medo de perder a amizade de vocês”, a gente não está brigando com ninguém, o que a gente quer, e aí este trabalho em cima da conscientização do que é quilombo, o quilombo não

ia brigar com a comunidade branca, ela não rejeitava, como é o caso de Palmares, não rejeitava nem mulheres brancas, ele foi muito mais, na sociedade colonial, um lugar de aglutinação de todas as raças brasileiras, ele realmente empreendeu uma democracia racial. Agora, acontece que nós vivemos dentro de uma realidade que não existe essa igualdade. Nós não temos ódio de branco, eu estou dizendo, eu com alguns negros que eu já conheço, se um outro tem, eu acho que é um problema individual, de cada um, não gostar da cor do outro. Agora, de tentar através da diferença da cor do outro dominar o outro, matar o outro, expurgar o outro, é isso que eu não entendo? Eu acho que nenhum de nós negros nunca entendemos negro nenhum. Nós não entendemos que outro homem por ser diferente da gente tem que ser dominado pela gente, que a gente tem que ser superior a ele, quer dizer, esse drama de que você me diz o que eu vou fazer, como é que eu vou ficar, não é um problema nosso, quem estabeleceu isso foi o homem branco. Eu estou falando tranquilamente diante de brancos, diante de negros, entende? De nós mesmos, de nossa história, de nossa cultura, das nossas aspirações, que é uma coisa essencial.

Público: E o futuro?

Beatriz Nascimento: Futuro eu não posso, não sou vidente. Eu estou falando do presente, nesse momento eu estou falando do presente, quando você me diz: “*Eu gosto de vocês*”, eu não sou paternalista, mas eu respondo: eu também gosto de vocês. Mas acontece que eu preciso lutar para ser igual a vocês, entendeu? Eu preciso lutar pra ter as mesmas coisas que vocês têm, eu quero ter as mesmas coisas que vocês têm. Nessa medida, eu tenho que lutar com o meu grupo. O fundamental para gente, quer dizer, um dos grandes problemas que eu sinto, eu estava discutindo isso, de vir fazer uma conferência numa Universidade, é justamente isso, porque a gente fala, no fundo, no final fica blá, blá, blá, inclusive eu me perdi um pouco na conferência porque, de repente, acho que não tem sentido eu estar falando da história, do histórico do quilombo. O que é importante que eu acho, e eu tenho que falar para brasileiros, e o negro é brasileiro, quer dizer, o branco também, para poder pensar o negro ele vai ter que entender e conhecer mais a história

do negro; quando eu estou falando isso, eu estou realmente me colocando no papel de negra, de estudiosa negra do próprio negro, quer dizer, uma espécie de cientista que estuda o objeto de estudo, percebe? Então, nesse sentido, eu não tenho o mínimo grilo de chegar aqui e dizer para as pessoas, porque eu não estou brigando com ninguém, não estou querendo acabar com ninguém, o que eu quero é ter as coisas, eu quero é entender isso e fazer com que as pessoas entendam isso e que o negro possa ter dentro dele uma fortaleza, sabe? Na medida em que ele tem uma necessidade, como todo homem, de conhecer o passado, de saber o que é que veio, porque que eu sou assim hoje, o que eu fui antes. Todo mundo tem que saber o antes e o depois, o devenir fica pela história, a história fala.

Público: Você está falando da história passada aqui no Brasil ou lá na África?

Beatriz Nascimento: Pelo contrário.

Público: Você acha que vamos encontrar aqui no Brasil, nas favelas, e na história do quilombo a história africana? Você não falou nada disso, tudo o que você falou foi sobre a história brasileira.

Beatriz Nascimento: Você é brasileira? Porque eu não sou africana. A gente tem que entender o seguinte: eu não sou especialista em África, estudo África como historicamente para definir o problema do quilombo, como é que veio formar o grupo Palmares para cá, o que eles eram, porque que a palavra quilombo...

Público: Tudo o que você está falando é literatura brasileira, menina, você não falou nada do passado africano, tudo o que você falou...

Beatriz Nascimento: O meu passado recente, o seu passado recente, o seu passado recente, e de todos os pretos aqui e brancos é o passado brasileiro, não é o passado africano. E eu estou falando especificamente de um dado que é quilombo que se teve no Brasil, na África não teve, é uma questão de brasileiro, eu estou falando do negro brasileiro, não tem porque me reportar à África.

Público: Eu só queria agora fazer uma ressalva que Beatriz disse que não vê sentido porque está sendo feito... eu não

acredito quando diz as instituições dele, eu digo não, isso não é instituição dele, é instituição nossa, nós temos direito a essa instituição, sobretudo essa aqui que é pública e o fato de fazer dentro da Universidade é que essa Universidade assuma a sua responsabilidade de Universidade que é para formar mais negros para que possam, como Beatriz, que passou por uma universidade, ir ao quilombo, à favela, seja o que for, e dar os ensinamentos dela lá. Agora, sem uma Universidade, sem um crédito, seria até impossível eu conseguir essa semana aqui, porque eu seria apenas um negro. Hoje, depois de dez ou doze anos de trabalho, já me mandam entrar e sentar porque o senhor Eduardo de Oliveira tem um título, que não pretende ser doutor, que não se branqueou, mas que usa disso como instrumento de trabalho para poder se afirmar como negro e ajudar outros negros que se afirmem como tal. E nós vamos continuar lutando para que os negros entrem mais aqui e que voltem a sua identidade de negro e a minha, de subúrbio, de proletário, que não se branqueou e é isso que nós temos que fazer e voltar e ensinar os outros. Então, vamos continuar. Não, deixa eu te explicar, porque está havendo um processo de neocolonialismo que os negros estão negando a formação porque acham que ela é irrelevante. Ela, em certo ponto, é irrelevante porque você se forma em doutor e não passa de um negro, você está entendendo? Mas que se faça doutor e use o seu crédito e lute por ele.

Público: Beatriz, você me permite, eu acho muito válida essa intervenção do Eduardo porque você está apresentando um problema que está amargando toda a tutela que os brancos querem dar no seu instituto. Eu acho que é muito importante, muito certo estudar o quilombo como ele é visto pelos negros e como deve ser visto pelos negros. Eu teria algumas perguntas que eu gostaria de fazer a você que são o seguinte: em primeiro lugar, nos quilombos existe algum... você diz que pode assustar ou não assustar é muito pouco, você encontrou ou tem encontrado tradição oral sobre os quilombos, aqueles que foram dizimados? Uma outra pergunta que eu queria fazer é a seguinte: nos quilombos era comum o homem branco fazer parte? Os quilombos eram só de negros fugidos ou também havia negros libertos que iam para os quilombos? A outra pergunta que eu